

MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981. 249 p.

O que é que conhece a média dos leitores brasileiros em matéria de Sociologia francesa? Althusser sobretudo, o Althusser de *Aparelhos Ideológicos do Estado*, que se tornou a lei e os profetas para quase uma geração. E fora dessa escolástica não há salvação. Porque a Sociologia nem sempre tem servido para compreender sociedades e grupos. "O meio é a mensagem". Ligada a certas orientações excessivamente lógicas para serem verdadeiras, a Sociologia virou igreja — igreja no sentido de Durkheim — vasta especulação totêmica, conceitos transformados em emblemas de coesão, de legitimidade profissional. Não deixa, essa Sociologia, de ser revolucionária. Traduz, na escala da própria disciplina, um interesse de classe. Identifica um novo sacerdócio e, a seu modo, realiza o programa de Augusto Comte: é a religião da humanidade. . .

Existem ainda, na Sociologia ou Ciência Social francesa conhecida no Brasil, outros nomes, mais freqüentemente citados — é ainda o totemismo que se satisfaz com exclamações e reverências — do que propriamente lidos. Lévi-Strauss, evidentemente, embora eu não creia que mais de dez pessoas, em todo o país, tenham de fato entendido *As Estruturas Elementares do Parentesco* e *O Pensamento Selvagem*. Menos por serem difíceis (é preciso disfarçar mensagens impopulares) que pelo estilo oracular. Estilo que também permite ao grande escritor revestir-se, nos Estados Unidos da aura da Filosofia européia; na França

do prestígio da descoberta da América, quero dizer, da etnologia de Boas, de Lowie, de Ruth Benedict; no Brasil, de ambos.

Não é, afinal de contas, só Althusser. Foucault, com adeptos ilustres em editoras, ministérios, universidades. As noções de "episteme" e "arqueologia do saber", as histórias das prisões e da loucura, fazem sucesso e imitadores. Vários degraus abaixo em popularidade, os ensaios de Philippe Ariès sobre mortes, crianças, e mortes de crianças. E não subestimemos o êxito de Lacan, com o apoio dos *Centros de Estudos Freudianos*, espalhados "un peu partout" e, para psicanalistas, quase tão totêmico quanto o Althusser dos sociólogos.

E, de fato, muitos outros nomes, Bourdieu, Balandier, embora poucos na condição de emblemas. Como eu, particularmente, lamento que não se traduza o admirável Jean Duvignaud de *Fêtes et Civilisations, Le Don de Rien, Le Jeu du Jeu*. É sobretudo o lado racionalista, "cartesiano", às vezes a caricatura dessa tradição, que se prefere no Brasil. Racionalismo paradoxalmente transformado em seu contrário. Quanto mais lógico, mais simples, mais esquemático, melhor para a magia do pensar. Pois é a verdade, para Oscar Wilde, que "raramente é pura e nunca simples".

A Sociologia real, a que entende a sociedade em movimento, nas suas contradições, a que com justeza reivindique a condição de dialética — dialética como, por exemplo, a entendia Georges Gurvitch em capítulos decisivos do *Traité de Sociologie* — tal Sociologia será necessariamente pluralista e até mesmo, como gosta de escrever Michel Maffesoli, "politeísta". Contradição, pluralidade, indeterminação encontram-se na raiz de qualquer mudança e da própria sociedade. Não existe fator privilegiado — perdoe-me o leitor pelo que *deveria* representar lugar-comum — econômico, político, ideológico. Nem modelo de História. Existem as histórias e, comemorando o centenário de Darwin, convém acrescentar que aí efetivamente se encontra o autêntico darwinismo social, que não se confunde com o sistema de Spencer. Várias formas de vida evoluindo em muitas linhas, histórias no plural.

Também aí se configura um dos temas centrais — eu, por minha conta, usaria dizer o tema central — da Tropicologia e da Sociologia de Gilberto Freyre. Muitas sociologias porque muitos fatores de socialização: bio-psicológicos, ecológicos, culturais, a história entrecruzando acasos, determinações, liberdades. Muitas sociologias porque muitas sociedades. Em cada sociedade outro arranjo, compromisso irrepetível entre sobrevivência, produção, poder, valores, conservação, surtos de genialidade, revoluções.

O livro de Maffesoli se divide em quatro partes que poderiam formar quatro ensaios autônomos, tendo, cada uma, muito a ver com o que eu acabo de dizer. Tomemos uns trechos iniciais.

“Para determinar um pouco a tarefa aqui proposta, poderíamos dizer que se trata de uma paciência respeitosa da pluralidade do dado social” (p. 13). . . “Trata-se de um duplo movimento. . . o trajeto antropológico que se estende num vaivém incessante entre o vivido e toda a sua concreção e as suas diversas representações” (p. 15). . . “Esse politeísmo dos valores permite compreender que ora um ora outro predomine de maneira total — ou de maneira parcial” (p. 17). . . “Existe um misto complexo, no qual se imbricam estreitamente a destruição e a vida, a retração e a expansão, o poder e aquilo que o ultrapassa, misto que determina e institui a tessitura social” (p. 17). . .

Já se percebe a orientação do autor. Percebe-se — usando a terminologia de Popper e Kuhn — paradigma radicalmente diferente do que estamos acostumados a pensar em termos de Sociologia francesa. Absolutamente nada de determinismos fáceis demais para serem verdadeiros; nada da crença ingênua em supra-estruturas apenas dócil reflexo de relações de produção; nada do evolucionismo, do historicismo unilinear que, se não capta as mil sinuosidades do real, ajuda o preguiçoso, dispensando de pensar e pesquisar. Estamos diante de outro ponto de partida. Nenhum dos deuses — economia, poder, ideologia, classes, coesão, ética, capitalismo, progresso, revolução — é capaz de comportar-se como soberano absoluto; a existência concreta depende de um compromisso cujos termos, de vez em quando, constituem objeto de novo ajuste.

Maffesoli gosta de chamar a atenção para certas constantes. O primeiro ensaio, *Poder Potência* (p. 19-60), gira em torno disso. O poder político essencialmente não traduz os interesses da classe dominante em determinado momento, embora aí possa encontrar-se sua roupagem acidental: “Esse é precisamente o ponto mais discutível da análise marxista e de seus numerosos avatares contemporâneos: ter pretendido esquematizar a dominação como exploração e, passando assim ao lado de sua verdadeira natureza, permitir a persistência dessa forma” (p. 21).

Outro tema, remotamente inspirado em Aristóteles, é sugerido no primeiro ensaio. A idéia de “dynamis” ou potência, da sociedade que jamais adquire completa identidade ou transparência, sempre imperfeitamente una, sempre dialética (o termo não é o preferido de Maffesoli) sempre decaindo e sempre se refazendo. Daí a crítica ao racionalismo que não toma em consideração o devir, o acabamento, e a falta”; daí a sutileza do poder, princípio redutor, composto de coerção e coesão, pois “em face da sociedade que é o triunfo do uno, encontra-se a sociedade dividida, lugar das diferenças” (p. 24).

O segundo ensaio, *O Processo de Recorrência nos Fenômenos Revolucionários* (p. 61-114), já se revela muito pelo título. A tese central é nítida. Toda revolução, no íntimo, constitui retorno. É "a serpente que morde a cauda" (p. 114).

"Festa e violência, festa e revolta, têm uma função de fundação, no sentido em que restauram a comunhão societal, recriam o *nós* inicial que funda esta ou aquela organização de indivíduos, pelo prisma do rito, do sacrifício (sob todas as suas formas) que purifica" (p. 88). "Mesmo na acepção moderna e política da revolução, fica presente. . . o empenho de restauração de uma verdadeira natureza do homem . . . que está presente inclusive na obra de Karl Marx, em particular quando fala de *restauração da natureza*" (p. 53)

Mas ao lado do aspecto arquetípico e milenarista, há outro fator nas revoluções:

"Assim como se pode ver no fenômeno revolucionário uma pseudomorfose do messianismo pode-se ver. . . nas revoluções reações à falta ou ao escasseamento da circulação das elites" (p. 74)

Por isso mesmo as revoluções duram pouco. . . Logo "se estabelece um novo poder cujo principal empenho será sufocar a revolta que o fez nascer. . . Essa atitude sem ilusão é a única que permite ver, além das variações de pormenor, a invariância do poder e sua reprodução" (p. 91).

O terceiro ensaio se intitula *Sociogênese do Progresso e do Serviço Público* (p. 115-174) e defende duas teses. O progresso — o progresso da história do Ocidente — é mito e utopia; mito a serviço de certa classe estamento: administradores, tecnocratas, militantes. . .

"Como fundamento da energia e da estratificação revolucionária, uma das formas, e não das mínimas, da utopia social no que tem de mais simplista, é a confiança ilimitada num progresso global da humanidade. . . que encontra o seu apogeu nas diversas teorias sociais e realizações do século XIX. O progresso é uma vasta matriz que compreende a ciência, a técnica, a produção, a razão, a felicidade e a igualdade" (p. 115). . . O progresso é a negação da tradição, calcada na noção de utilidade, e a classe que serve esse progressismo é a classe de administradores do serviço público para os quais a "utilidade pública" é a lei suprema" (p. 120)

Maffesoli gosta de advogar certo "cinismo" derivado de Maquiavel e Hobbes e é com prazer que cita a frase de Goethe a propósito da Revolução

Francesa: "Muitos abraçam a causa da liberdade, da igualdade universal, unicamente para fazer uma exceção em seu favor". No quarto e último ensaio, *Totalitarismo e Indiferença* (p. 175-246), explicitam-se as razões da extrema desconfiança do autor em relação ao progressismo, "que pretende fundamentalmente reger o que é incoerente, dar finalidade ao que não tem sentido. . . o princípio de homogeneização é precisamente esse fantasma que não pode admitir a pluralidade, a irregularidade do mundo e dos homens; trata-se de reduzir tudo e todos a um mundo comum e igual" (p. 229). Ora, "A potência existencial não pode em caso algum admitir uma teoria da igualdade" (p. 234).

Uma Sociologia revolucionária, porque nega alguns dos mitos centrais do pensamento europeu nos últimos séculos, contradizendo a escolástica que, por força justamente dessa mitologia, domina as universidades não somente brasileiras. Michel Maffesoli vai direto ao íntimo das questões. Uma Sociologia revolucionária porque representa não o reajuste dos paradigmas dominantes — e, para ele, "não há antinomia entre o capitalismo, o socialismo e o totalitarismo: trata-se de um desdobramento lógico e contínuo de premissas inteiramente contidas na organização econômica da sociedade" (p. 224) — mas a negação da base, dos pontos de partida desses paradigmas. Negação do mito do progresso e da racionalidade; da revolução e do reformismo; do historicismo da luta de classes.

Afirmção de certas invariantes da condição humana, refletidas na vida social e nas representações coletivas; da potência — dinamismo — do presente com virtualidades que nenhum programa, nenhum governo, nenhum Estado é capaz de reduzir ao puro ato. É um presente que jamais pode ser inteiramente atual. . . E por afirmar o mais importante no humano e no social, em contraste com o vazio da ilusão historicista, eu o recomendo, e como, o livro a quem se interessar por uma Sociologia profunda e plural, que transborda em antropologia, história, filosofia. Só uma palavra de cautela. Contradizendo o mito da História, desmentindo a utopia totalitária do Futuro, será preciso negar histórias concretas e determinadas, às vezes complementares, às vezes opostas? Será preciso desmentir a perspectiva, se não *sempre* realista, pelo menos digna de nosso compromisso, de futuros na medida de nossas incertezas, "due soldi di speranza" — dois tostões de esperança — o fim da miséria no Terceiro Mundo (e também no Primeiro e no Segundo), melhor distribuição da riqueza, da saúde e da cultura?

Roberto Motta
Fundação Joaquim Nabuco